

Brincadeiras na quarentena

Aline Santos do Nascimento

A tematização a ser apresentada foi desenvolvida em 2020, no formato de ensino remoto emergencial devido à quarentena estabelecida na cidade de São Paulo, uma das estratégias adotadas pelas autoridades contra a pandemia de Covid-19, com crianças e seus familiares¹ do 1º e 2º ano do ensino fundamental, ciclo de alfabetização, da EMEF Virgínia Loriza Zeitounian Camargo, localizada na região de São Mateus, zona leste.

Antes, é importante pensarmos em como a escola se organizou diante da somatória “Covid-19 + quarentena + isolamento social + ensino remoto emergencial”. Num primeiro momento, a equipe gestora e professoras/es coletivamente se debruçaram na análise do Projeto Político Pedagógico – PPP e no Plano Especial de Ação – PEA² da unidade, que não por acaso, após avaliação no final do ano letivo de 2019, consideravam a necessidade de realizar um trabalho melhor qualificado com as tecnologias e seu uso durante as práticas pedagógicas, o que nos levou à seguinte escolha do tema para o PEA de 2020: “As tecnologias para ensinar e aprender: mediações pedagógicas facilitadoras no alcance dos direitos e objetivos de aprendizagem do currículo”. A busca concentrou-se em estabelecer diálogo entre o PPP, PEA, documentos oficiais da rede municipal de São Paulo³ e o uso das tecnologias digitais. São esses os documentos que professoras/res levam em consideração para a elaboração de seu plano de ensino, outro material importante que acompanha o desenrolar das ações educativas. Isso porque a ação docente não é algo corriqueiro que se faz de qualquer maneira. Além disso, ao embasar-se nas decisões tomadas pelo coletivo da escola, o trabalho docente tem grandes chances de não

¹ Ao longo do percurso foi possível perceber a participação efetiva de familiares na composição dos registros infantis, bem como as mensagens enviadas na plataforma digital Google Sala de Aula que, em alguns casos, foram realizadas por adultos. Por esse motivo, neste trabalho, quando nos referirmos as crianças, o faremos acompanhando de seus familiares.

² O Plano especial de ação - PEA, é um documento tecido coletivamente por professoras/res e equipe gestora podendo ser considerado como o braço prático do Projeto Político Pedagógico – PPP da unidade. Nele são estabelecidas as ações a serem realizadas no chão da escola, a organização de seus tempos e espaços, dos encontros de formação continuada face às diretrizes da Secretaria Municipal de São Paulo, diálogo com as políticas públicas, projetos educacionais, participação de estudantes, familiares e da comunidade, entre outros. É um documento vivo, coletivo, performático. A ideia é que docentes se alimentem dele para pensar suas práticas pedagógicas.

³ Currículo da cidade – Educação Física disponível em: <<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/cc-eja-educacao-fisica.pdf>>. Além disso, durante o período de ensino remoto emergencial, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo lançou a coleção de cadernos “Trilhas de Aprendizagem” volume I e II. A Educação Física é contemplada apenas no segundo volume. Disponível em: <<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/trilhas-de-aprendizagens/>>. Data de acesso: 06/04/2021.

caminhar sozinho porque faz a escolha de um tema cultural, dentre o vasto repertório cultural corporal de estudantes, em diálogo com os objetivos institucionais definidos coletivamente.

Mal sabíamos do quão seríamos acorrentadas/os às questões tecnológicas. É interessante dizer que esse contexto fez com que retomássemos a avaliação do ano anterior que estabelecia a necessidade de ações voltadas ao uso das tecnologias digitais no espaço escolar. Nosso desafio era ressignificar o seu uso, utilizando-a como uma importante ferramenta pedagógica, diferente do que havia acontecido em 2019 e anos anteriores. Além de constrangimentos, o uso indevido das tecnologias em nossa escola não gerou consequências apenas para estudantes, mas também para funcionárias/os, gestoras/es e docentes.

Para darmos conta do que foi mencionado acima, nos organizamos da seguinte maneira: videoconferências semanais⁴; criação de canais de comunicação com estudantes, familiares e comunidade através de telefone, e-mail, *Facebook*⁵ e grupos no *whatsapp* institucional da escola; levantamento de informações sobre o acesso de estudantes à plataforma Google Sala de Aula⁶; tentativas de contato com estudantes e familiares que não se comunicavam com a escola pelos meios disponibilizados e tampouco acessavam e/ou buscavam o caderno *Trilhas de Aprendizagem*, um material didático elaborado pela Secretaria Municipal de Educação.

Quando em contato com as famílias, a gestão da unidade procurou entender as dificuldades e criou possibilidades de ajuda como a compra de cestas básicas, através de doações da comunidade escolar, que foram doadas a algumas famílias antes e após a distribuição de cestas básicas e kits de higiene pela Prefeitura Municipal de São Paulo⁷; organização das postagens diárias, duas disciplinas por dia. Essas atividades eram produzidas pelo coletivo em proximidade com os pressupostos educacionais em cada ciclo de aprendizagem⁸, quais sejam: alfabetização (1º, 2º e 3º ano), interdisciplinar (4º,

⁴ Segunda-feira e quinta-feira: manhã e tarde. As/os professoras/es especialistas se reuniam em horários definidos pelo grupo para planejamento, no nosso caso às quartas-feiras as 10hs. Nesses encontros discutíamos as ações didáticas a serem realizadas dentro das possibilidades do ensino remoto emergencial.

⁵ Virgínia no Face. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Virg%C3%ADnia-no-Face-744211958972305/>>. Data de acesso: 06/04/2021.

⁶ A prefeitura de São Paulo fechou parceria com a Google para o ensino remoto emergencial.

⁷ Nem todas as famílias foram atendidas. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/familias-de-alunos-da-rede-municipal-recebem-cestas-basicas-e-kits-de-higiene>>. Data de acesso: 06/04/2020.

⁸ Após a reorganização dos ciclos de aprendizagem, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo elaborou um vídeo explicativo, sendo divulgado no canal do Youtube “Mais Educação São Paulo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7_FZbK_VZig>. Data de acesso: 06/04/2021.

5º e 6º ano) e autoral (7º, 8º e 9º ano); elaboração de roteiros de estudos enviados pelos grupos de *whatsapp*.

Voltamos um pouco na questão da organização das postagens das aulas. Temos na escola uma composição onde muitas/os estudantes fazem parte da mesma família, por exemplo: irmãs/ãos no 1º, 6º e 9º ano; primas/os que estudam na mesma escola, não necessariamente no mesmo ano/ciclo e que moram juntos. Diante disso, a escolha de postar duas atividades – o que também poderia ser encontros síncronos – foi pensando nessas famílias que tinham, muitas vezes, apenas um aparelho tecnológico para a realização das atividades e/ou presença nos encontros síncronos. Essas informações foram coletadas nas pesquisas realizadas pela equipe gestora da unidade no que tange à quantidade de crianças e jovens e equipamentos tecnológicos à disposição.

Feita a introdução, a tematização realizada teve como pano de fundo a produção de um [padlet](#), uma ferramenta tecnológica do *Google* que se parece muito com um mural ou quadro, onde as pessoas inserem informações (vídeos, desenhos, fotografias, textos, *emojis*, entre outros). Arriscamos a pensar sua composição como um mapa, uma cartografia, um plano de navegação. Ao passo que o padlet ia sendo produzido, as crianças e seus familiares tinham acesso irrestrito à plataforma e podiam incluir suas opiniões, sentimentos, desejos e, porque não, seus desafetos. Foi uma maneira tecnológica encontrada para produzir o nosso diário de bordo digital online.

Em outro contexto, mesmo que inserido no cenário pandêmico, outras/os professoras/es e estudantes poderiam materializar seus estudos de maneira distinta. O que queremos reforçar é que não existe bula, manual, atividades pré-definidas, receita a ser seguida e o que se faz é sempre uma aposta, nunca uma definição. E apesar de estarmos abertas ao processo de significação e à produção de novas inteligibilidades sociais, isso não quer dizer que vale tudo, pois há rigor epistemológico.

Nosso estudo durou dezenove semanas, o que possibilitou dezenove encontros com as crianças e familiares entre os meses de março e setembro de 2020. No primeiro momento, produzimos um [vídeo](#) explicativo sobre a utilização da plataforma *Google Sala de Aula* e o dia da semana que publicaríamos as atividades (terça-feira). Ademais, disparamos a seguinte questão: quais são as brincadeiras possíveis de serem realizadas nesse período de quarentena? A questão se deu tendo em vista que, naquele momento, as crianças e seus familiares estariam em isolamento social.⁹

⁹ Aqui registramos que nem todas as famílias podem estar em isolamento social. Em outro momento, talvez seja possível investigar os efeitos dessa impossibilidade que muito tem a ver com as políticas propagadas

A partir desse momento, as crianças e familiares começam a mandar seus registros sobre as brincadeiras ou a partir delas, aos poucos, fomos identificando quais eram e como são produzidas e vivenciadas pelas crianças junto, ou não, de seus familiares. Em muitos registros percebermos o brincar entre crianças pequenas, crianças, jovens, adultos e idosos, numa teia de produção coletiva de cultura e conhecimento. Não há hierarquias no brincar. O brincar é verbo. É pensar a brincadeira como atividade, ação, aquilo que se faz fazendo.

Ao recebermos os registros, percebemos que só nós tínhamos acesso às produções discentes. Pensando nos desafios enfrentados durante o estudo das brincadeiras, essa questão, sem sombra de dúvidas foi a que mais nos afetou. Quando estamos na escola com as crianças, seus corpos estão ali dizendo sobre suas produções e conseguimos ter contato com a maneira com que atribuem significados às coisas do mundo. Gestos, olhares, escapes, cheiros, fugas, choros, sorrisos, euforias, medos, tédios, desejos. E nesse contato não é preciso apresentar-lhes o que as outras crianças, colegas de turma, estão vivenciando, produzindo, criando porque estão todas ali, inseridas e compartilhando do mesmo espaço durante as aulas de Educação Física. As crianças poderiam não estar fazendo as mesmas coisas, mas compartilhavam o mesmo espaço e suas proximidades.

Nos vimos dentro de uma plataforma onde estavam todos os registros discentes, organizados inclusive por ano e turmas – *Google Drive* – ao passo que as crianças e familiares não tinham acesso a nenhum outro material a não ser aqueles que enviaram. Interagíamos com todas/os e elas/os apenas conosco. Nossa preocupação centrava-se em como fazer com que as crianças e seus familiares tivessem acesso também às vivências e produções das colegas. Para solucionar esse enrosco, iniciamos o processo de baixar todos os registros (vídeos, fotografias, desenhos, áudios, entre outros) e elaborar [vídeos](#) com o emprego da ferramenta digital *Shotcut* que contemplassem tudo o que fora feito. Os vídeos foram elaborados conforme a quantidade de registros baixados. Isso quer dizer que em alguns momentos continham produções de todas as turmas do 1º e do 2º ano, em outros apenas de um ano ou de uma turma específica. A produção dos vídeos não seguiu nenhum roteiro. Independentemente do formato da produção, todos foram compartilhados com as turmas do 1º e 2º anos. Foi o esforço de fazer circular conhecimentos, vivências, gestos, falas, falhas, corpos.

pelo desgoverno Bolsonaro, o qual, em nosso ponto de vista, tem colocado em ação uma política de morte, uma necropolítica.

Na medida em que circulavam, algo novo acontecia. Cantigas, cordas, caretas, danças diversas (uma criança aparece usando chapéu do frevo), lutinha, futebol dentro de casa (a criança relatou que “quase” quebrou coisas dentro de casa), pelúcia, carrinho, desenhar, boneca/o, casinha, brincar com animais de estimação, jogos online, tutoriais, vídeo game, patins, teatro de bonecos (várias produções/tutoriais entre mãe e filha), bicicleta, quebra cabeça, dominó, guerra de travesseiro, jogos de tabuleiro, jogos de carta, massinha, patinete, lego, bambolê, corrida no quintal, pega-pega, motoca (tonquinha) e por aí vai ...

Com relação ao uso das tecnologias, trabalhamos com outras duas ferramentas digitais. O aplicativo “Chudo” para a criação de [avatares](#) em 3D e o “Canva”, um aplicativo para montagens de fotos, produção de animações, cartazes, logotipos entre outros. Isso se deu por dois motivos, o primeiro por uma questão estética. Começamos a estabelecer contato com colegas que, também inseridos nesse contexto do ensino remoto emergencial, estavam criando alternativas interessantes. Trocamos informações sobre as ferramentas tecnológicas utilizadas e percebemos a necessidade de fazer vídeos e materiais que produzissem nas crianças e familiares a vontade de seguir até o final do conteúdo¹⁰. Nossos vídeos começam a ser melhor elaborados com utilização de músicas, edições e efeitos, alterações na velocidade dos registros infantis e a criação de um avatar. Esse recurso gerou uma grande economia de tempo, pois poderíamos criar conteúdo sem a preocupação com iluminação, roupa, qualidade de câmera, enquadramentos, entre outros. O aplicativo qualificava a composição do vídeo no que tange à estética. Além de experiência divertida, permitiu a aproximação com as crianças e seus familiares, proporcionando o riso de si mesmo.

O segundo motivo foi o estímulo do acesso à plataforma de estudo. Em determinados momentos, a quantidade de registros caiu drasticamente, a angústia nos consumiu, pois não sabíamos o que estava acontecendo. Durante as reuniões de planejamento semanal de ciclo conversávamos com as professoras polivalentes das turmas na tentativa de encontrar elementos que nos ajudassem a entender o contexto. Por vezes, o que se percebia era que na medida em que o tempo corria algumas famílias reduziam seus planos de internet e priorizavam as atividades das professoras polivalentes

¹⁰ Durante a quarentena o que se percebeu foi um boom de *lives*, encontros remotos, palestras, produção de vídeos caseiros e muito, mas muito conteúdo de cunho pedagógico. Sem entrar nessa seara, o fato é que se reverberou a busca por essas produções e a estética (tempo, qualidade da imagem, efeitos artísticos, posição da câmera, etc.) é um atrativo para a assistência integral do material.

e/ou se limitavam ao cumprimento das atividades dos cadernos *Trilhas de Aprendizagem*. Não podemos esquecer que a Educação Física só foi contemplada na segunda versão do material, o que deixou as crianças e familiares sem acesso à plataforma do Google Sala de Aula sem contato com o tema abordado na Educação Física.

O uso de avatares e a produção de imagens contribuíram para aumentar a importância do componente e do trabalho em andamento. Percebíamos que o ato de brincar fora deixado de lado, como se as crianças e seus familiares tivessem coisas mais importantes com que se preocupar. Isso são apenas especulações, afinal, não sabíamos o que estudantes e familiares estavam, de fato, vivenciando e os desafios enfrentados pela precarização da vida imposta pela pandemia.

As escolhas feitas ao longo do caminho nos ajudam a pensar a tematização como construção elaborada ao passo que entramos em contato com as produções, criações, enunciações dos conhecimentos discentes, narrativas de vida, desejos, negociações, dúvidas, questionamentos, incertezas. Ainda que a tomada de decisão sobre quais conteúdos estarão presentes, ou não, no estudo esteja nas nossas mãos, isso não quer dizer que se trate de decisão individual. Cada encontro vai sendo elaborado diariamente e se retroalimenta a partir dos encontros com as crianças e familiares que nos agenciam, nos levam à tomada de decisões. O novo, o criativo, o híbrido é muito bem-vindo e não evitado. Daí a importância dos registros. Fazê-los circular é uma maneira de abrir as possibilidades para a produção de novas inteligibilidades sociais, para que as crianças e seus familiares tenham possibilidades e garantias de transitar, movimentar-se, exercer seus direitos e existir com segurança.

Voltemos a pensar nos registros. Algo interessante foi acontecendo. Se num primeiro momento as crianças e familiares enviaram apenas uma foto ou texto escrito, com a circulação dos vídeos, essas composições se transformaram, tornando-se cada vez mais elaboradas. Lá pelas tantas, se identificavam mesclas de fotos, vídeos, entrevistas, tutoriais, comentários, desenhos, edições por aplicativos como “Tik Tok” e “Viva Vídeo” entre outros. O fato nos levou a entrar em contato com as escolhas das crianças e seus familiares. É o caso de uma criança que aparece ao lado do pai imitando gestos específicos de certa luta, nomeando cada movimento. Na primeira parte do vídeo a criança faz uma fala introdutória, na segunda apresenta os movimentos e seus nomes ao lado do pai e no final faz seus agradecimentos e se despedi. Outro exemplo são os [registros](#) que as crianças fazem de suas vivências ao lado de outras pessoas e de seus animais de estimação apresentando-os. Corpos que ao fazerem parte da tematização, tornam-se públicos.

É preciso lembrar que apesar do desgaste físico e psicológico devido ao excesso de materiais a serem tratados, nenhum registro discente foi descartado, exceto aqueles que não conseguimos baixar devido a falhas no envio, arquivo corrompido, formato incompatível com o programa de edição ou bloqueio pelo antivírus do computador. Nessas situações, enviávamos uma mensagem no perfil da criança no *Google Sala de Aula*, explicando a dificuldade e sugerindo uma nova postagem na plataforma e/ou o reenvio para um e-mail pessoal. Em alguns casos, o problema foi resolvido. De qualquer maneira, todas as crianças e familiares estavam cientes do ocorrido.

Na sétima semana observamos o ingresso de novos estudantes. Começamos a receber mensagens perguntando sobre como participar das atividades e se seria possível participar a partir daquele momento, sem realizar as anteriores. Isso nos levou a pensar na criação de um espaço digital de fácil acesso para que aquelas crianças e familiares recém-inseridos na plataforma pudessem acessar efetivamente o caminho percorrido e produzir significados acerca das brincadeiras na quarentena. O link do padlet foi postado como tópico no mural do *Google Sala de Aula* para facilitar a compreensão do que aconteceu.

Eis que chegamos ao 100º dia de isolamento social. Mal sabíamos o que viria pela frente¹¹. E para saber como estudantes e familiares enfrentavam a situação, fizemos o estudo e gravamos um [vídeo](#) perguntando como estavam, o que faziam para além das nossas atividades, o que sentiam, como a pandemia e a quarentena afetando a rotina da casa e da família. Entrávamos em contato, naquele momento, com algumas informações cedidas pela escola, tais como: familiares de estudantes que ao se contaminarem infelizmente vieram a óbito; crianças que saíram do bairro e foram para o interior de São Paulo passar o período de quarentena; mudanças na composição das famílias; famílias que não estavam conseguindo se alimentar; famílias que haviam perdido o emprego. Era urgente parar e entender o que essas pessoas estavam passando. De nada valeria permanecer estudando sem nos deparar com aquilo que nos afetava e causava danos nefastos. Como as crianças e familiares significam aquele momento?

E na medida em que íamos editando as respostas das crianças nos alimentávamos com a força e a potência daqueles corpos que, mesmo feridos, emitiam mensagens de conforto, esperança e de muito afeto. Não foram poucas as ocasiões em que as lágrimas embaçaram os óculos deste corpo que, em transe, seguiu editando os materiais.

¹¹ A escrita deste relato foi feita em abril de 2021, após um ano de pandemia e no momento em que o Brasil atinge a marca inaceitável de mais de 4 mil mortes diárias.

O encanto pelas respostas é tamanho que não poderíamos deixar de mencioná-las. Uma criança do primeiro ano relata estar praticando meditação todos os dias para ficar mais calma. Trocamos mensagens pela plataforma *Google Sala de Aula*. Dissemos que só o fato de pensar em meditar nos dava vontade de bater a cabeça na parede de nervoso. A criança explicou que é uma questão de prática, que era preciso se tranquilizar. As mensagens recebidas sempre vinham acompanhadas da necessidade de seguirmos os protocolos sanitários: lavagem das mãos, uso de álcool em gel, uso de máscara, tirar o calçado antes de entrar em casa, higienizar alimentos e produtos, manter o distanciamento social. Entramos em contato com as representações das crianças frente ao cenário pandêmico.

Agradecemos todas as mensagens recebidas e destacamos a importância dessas narrativas, da ação de dizerem sobre si, sobre o que sentem, algo que para muitos adultos, incluso para a própria professora deles, era uma tarefa árdua. Nesses encontros, encontramos fôlego para seguir trabalhando em meio a condições precárias postas pelo ensino remoto emergencial. Façamos a nossa aposta nas crianças e na juventude para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Nessa altura foi lançado o caderno *Trilhas de Aprendizagem* volume II¹² onde o componente Educação Física foi contemplado. O material se somaria ao nosso estudo, não de modo a ditar regras e/ou estabelecer normas a serem seguidas compulsoriamente. Pelo contrário, o material primeiramente foi submetido a análise. A chegada do documento criou um ambiente bem interessante no grupo de professores de Educação Física da unidade. Paramos para avaliá-lo, mastigá-lo e regurgitá-lo em favor do trabalho em andamento. Havia uma pressão da Secretaria Municipal de Educação para que o *Trilhas* fosse “aplicado”, numa ideia instrumental de educação, como se nós não tivéssemos condições de elaborar as nossas ações pedagógicas.

Mas não é bem assim que as coisas funcionam. Caminhávamos com o estudo das brincadeiras na quarentena obtivemos o aval da gestão da escola para prosseguir com a tematização. Cenário posto, trouxemos o material para trabalhar conosco, o que não significa submissão. O documento pedagógico enriqueceu nosso estudo. Adotamos a sugestão de duas atividades. A primeira estimulava as crianças a realizarem pesquisas entrevistando familiares mais velhos, o que lhes daria condições de acessar o vasto repertório cultural corporal das pessoas adultas com quem conviviam. Foi uma atividade

¹² A primeira edição do material foi enviada pela Secretaria Municipal de Educação ao endereço dos estudantes. Já a segunda foi enviada para a escola, sendo retirada pelos responsáveis pelas crianças e jovens.

interessante porque os entrevistados e entrevistadas já participavam das atividades propostas, mas agora teriam espaço para produzir narrativas sobre suas práticas infantis. Suas histórias foram registradas, ouvidas e [compartilhadas](#) entre as turmas. Ao dizerem sobre as práticas realizadas na infância e sobre si, abre-se novamente o espaço para a produção de novas inteligibilidades sociais, afinal, as crianças e familiares tiveram a oportunidade de entrelaçar, cruzar seus conhecimentos, produzir rizomas.

Outra atividade foi a apresentação da exposição online *Memórias de uma infância em cenas infantis* da artista Sandra Guinle¹³ que reconstrói em suas esculturas móveis diversas brincadeiras. Elaboramos um material com as esculturas infantis para que crianças e adultos pudessem dizer se reconheciam alguma brincadeira representada pelas esculturas. Nas devolutivas das crianças foi possível perceber o que elas haviam reconhecido, os sentimentos despertados, o que mais havia tocado.

Como o fim da tematização se aproximava, disparamos uma enquete com a seguinte questão: você (com algum familiar) consegue participar de um encontro online pela plataforma/aplicativo *Google Meet*, no dia 15/09/2020, às 14h00¹⁴ para uma conversa e fechamento do estudo sobre as brincadeiras? O esforço se concentrava na tentativa de realizar um encontro síncrono com as crianças e familiares para que pudessem expressar o que havia ficado, ou não, do estudo.

A quantidade de participantes ficou abaixo do esperado, apenas oito crianças e seus familiares, o que não desqualificou nossa interação. Pelo contrário, foi travada uma conversa bem animada. As pessoas que tiveram participação efetiva nas vivências e nas produções de registros fizeram as suas considerações sobre o estudo. A timidez também chegou forte e solapou a voz de alguns participantes. O encontro teve duração de aproximadamente uma hora e constituiu-se num espaço de encontro, diálogo e bastante nutritivo à prática pedagógica.

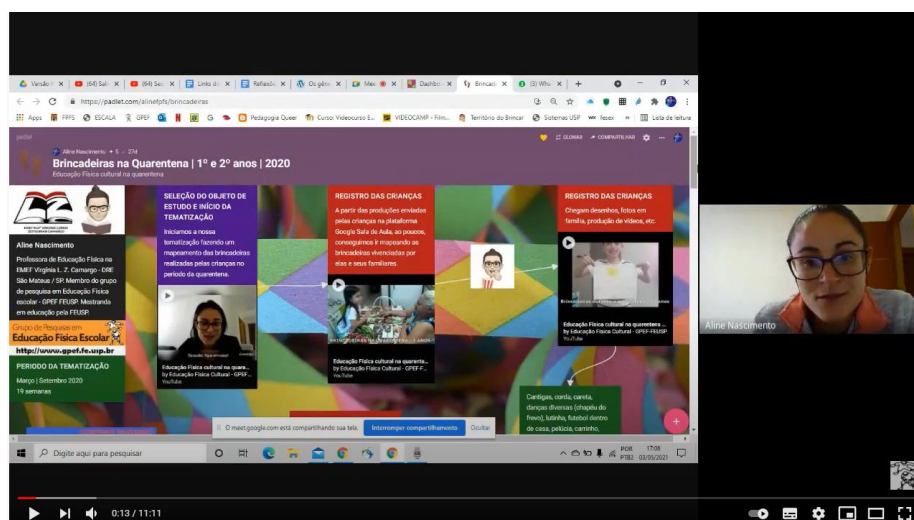
Em tom de encerramento, nos arriscamos a fazer algumas considerações sobre a tematização. Apesar do pouco acesso das crianças, o estudo foi alimentado e tecido por meio dos registros discentes e, talvez, esse material nas mãos de outras/os professoras/es, em outra escola, mesmo que no cenário precário do ensino remoto emergencial, pudesse

¹³ Além da exposição digital, as esculturas lúdicas de Sandra Guinle foram doadas para o Museu da Educação e do Brinquedo da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. A exposição está no segundo andar da biblioteca. Disponível em: <<https://www.sandraguinle.com/cenasinfantis>>. Data de acesso: 07/04/2021.

¹⁴ O dia e horário foram definidos em comum acordo com a gestão da escola. Levamos em consideração a rotina das reuniões de pais e responsáveis no mesmo horário.

ter tomado caminhos completamente diferentes. A diversidade dos registros nos mostrou que crianças e familiares fazem escolhas, negociam e, mesmo subjetivadas por normatividades sociais que tentam a todo instante capturá-las, elas estavam ali participando efetivamente do processo de significação e produção de conhecimentos.

Por fim, é preciso exaltar mais uma vez, e de novo, a potência de todos os registros, neles as crianças e familiares engajaram-se no processo contínuo de leitura e produção. Um currículo pensado *com* as crianças e não *para* as crianças. A questão não foi definir como se brinca, tampouco no que se desenvolve ao brincar. A aposta residiu nas crianças brincando, apenas isso. A brincadeira pensada como verbo. A Educação Física pensada como performatividade, aquilo que produz efeito na realidade.



Para assistir ao vídeo da apresentação dessa experiência, clique [aqui](#)

